

**“ARENA CONTA TIRADENTES” (fragmento)**

Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, 1967

CORO –

Tiradentes semeava vento,  
Ninguém ouvia ou queria saber  
Se certo e justo o que dizia,  
E, se o fosse, o que fazer?  
Foi quando então que um recém chegado  
De terras d’Europa aqui aportou.  
José Álvares Maciel  
que com novas ideias chegou.

**Taverna do Tartugo - Rio de Janeiro - 1788.**

(Presentes: o taverneiro, um mineiro, um bêbado e dois homens.

Maciel senta-se mais afatado, acompanhando a cena.)

MINEIRO(bêbado bate na mesa) – Meu vinho!... Cadê meu vinho!... Ó, português, traz meu vinho!

TAVERNEIRO – Só sirvo o que se paga!

BÊBADO – O que falta ao Brasil é vergonha na cara!

MINEIRO – Já paguei. Já dei todo o ouro que eu tinha!

TAVERNEIRO – Que era pouco e se acabou.

MINEIRO – Não faz nem dois meses, eu tinha tanto que era capaz de comprar vocês todos com meu ouro. Até você que é português e portanto é mais caro!... Eu sou homem de Manuel Pinheiro!...

BÊBADO – O que é preciso é mudar as consequências!... Toda a mudança começa aqui! (Aponta a cabeça.)

MINEIRO – E agora?... Vim corrido lá das Gerais, senão eles .... (Imitando o tiro com a boca e arcabuz com os braços)

Tibunfo! Me dá mais vinho!

TAVERNEIRO – É por isso que isso aqui não vai pra diante!

MINEIRO – O que foi, português? O que é que é? Não vai pra diante porque aqui só tem governo ladrão! Não vai pra diante porque vocês vivem sugando a gente! Nem mais tirá diamante se pode... Tudo pra dona lá... Majestosa! Eu sou homem de Manuel Pinheiro!

HOMEM 1 – Cala a boca, que vem fardado aí! (Entra Tiradentes.)

BÊBADO – Deus salve a Rainha!

MINEIRO – Chegou a autoridade... Isso... Prende, prende, me prende... Pode atirar, meu filho... Vocês sempre têm razão... Atira primeiro, depois você pergunta o que foi que eu disse... Atira, Alferezinho de bosta...

TIRADENTES – Vai embora. (Mineiro sai.)

TAVERNEIRO – Está vendo o senhor como são as coisas? Por isso que esses desgraçados acabam na forca... Sorte dele o senhor não levar a mal.

HOMEM 2 – Absurdo. Se dependesse de mim, eu pegava cada um desses e quebrava os ossos à maça antes de enforcar...

HOMEM 1 – Como Pombal fez com os Távoras...

BÊBADO – A lei tem de ser severa. Se não, não é lei.

TIRADENTES – O senhor é a favor da forca?

HOMEM 2 – Claro, pra que meias medidas? Forca e esartejamento!

TIRADENTES – Será que adianta?

HOMEM 1 – Adiantar, sempre adianta, que serve de exemplo. O que eu sou contra é quebrar os ossos à maça antes de enforcar.

TIRADENTES – E qual a diferença?

HOMEM 1 (com volúpia)– A diferença é que quebrar os ossos ninguém vê. A gente acorda bem cedinho, vai lá na praça, mas nunca adianta: a primeira fila está sempre tomada. Ninguém vê direito. Só vê quem tá na frente. Que exemplo é esse? Sofrimento jogado fora. Já o esquartejamento não. A gente vê até da janela de casa. Penduram os quartos nos postes, o sangue escorre, todo mundo vê, sente o cheiro. Isso, sim, mete medo.

TIRADENTES – Mete medo em quem?

HOMEM 1 – No povaréu.

TIRADENTES – Pra quê?

HOMEM 1 – Uai, pra ter ordem.

TIRADENTES – Pra quê?

HOMEM 1 – Como pra quê? Eu estou defendendo o senhor, e o senhor fica aí pra quê, pra quê?

TIRADENTES – Não preciso que ninguém me defenda.

HOMEM 1 – Não, mas eu faço questão de defender o senhor. O senhor é autoridade, O senhor é a ordem.

TIRADENTES – E se eu disser que vou enforcar o senhor, o senhor me defende?

HOMEM 1 – Eu não fiz nada pra ser enforcado. Tudo que eu devo à Rainha eu paguei...

TIRADENTES – E se eu disser que todos nós juntos devemos enforcar a Rainha, o senhor me defende?

HOMEM 1 – O senhor não vai dizer uma coisa dessas!!!

BÊBADO – Oferece alegremente teus dízimos à Rainha.

TIRADENTES – E se eu disser que os cariocas são vis e covardes, o senhor me defende?

HOMEM 1 – Podemos discutir...

HOMEM 2 – Cala a boca, que esse é o Tiradentes. (Apavorado.)

HOMEM 1 – Esse é doido varrido, sô.

HOMEM 2 – Doido não, é perigoso. Vamos andando que eu não quero ser visto com ele. (Alto em direção a Tiradentes.) Alferes: sou um homem de coragem, mas respeito a autoridade. O amigo tome tento. (Fala agressivo. Tiradentes faz menção de atacá-lo, e os dois fogem correndo.)

TIRADENTES – Belos homens de coragem.

BÊBADO – O peixe morre pela boca. (Maciel, que tudo ouviu sentado a um canto, aproxima-se de Tiradentes, sentando-se à sua mesa.)

MACIEL – Meu nome é Maciel. Com licença. (Senta-se.) Compreendo que o senhor esteja descontente com o governo, mas já nomearam um novo governador para as Minas... É o Visconde de Barbacena, por coincidência meu amigo.

TIRADENTES – Não lhe invejo a amizade.

MACIEL – É um homem bom e honesto.

TIRADENTES – Antes fosse o diabo, que mais depressa se levantavam os povos do Brasil.

MACIEL – O senhor acha que sofrer levanta o povo?

TIRADENTES – Acho.

MACIEL – Os escravos sempre se habitam.

TIRADENTES – Então, pro senhor não há saída, se por acaso o senhor estiver à procura de uma?

MACIEL – Há.

TIRADENTES – Qual?

MACIEL – Se existissem mais brasileiros como o senhor.

TIRADENTES – Pelo menos mais um, sei agora que há.

MACIEL – Mas é pouco. Na Europa todos se admiram por que o Brasil ainda não seguiu o exemplo do Norte. Por que o povo ainda não se libertou.

TIRADENTES – Aqui, quando alguém fala, todos fogem espantados. Todos preferem seguir em paz o caminho pro matadouro. Aqui, liberdade só vem se alguém de fora ajudar.

MACIEL – É uma questão de lucro. Brasil livre é comércio aberto. Todos de fora vão querer ajudar

TIRADENTES – E por que até agora não ajudaram?

MACIEL – Nós temos que começar.

TIRADENTES – Nós dois?

MACIEL – Gente não falta. Falta descobrir os homens certos. Gente que possa mobilizar soldado, dinheiro e armas.

TIRADENTES – Ah, os grão-senhores. (Irônico.) O ouvidor Gonzaga, por exemplo?

MACIEL – Seja quem for que possa lutar. Francisco de Paula é meu cunhado e comandante da Tropa Paga. Gonzaga e Cláudio Manuel são meus amigos e homens de lei. O Padre Carlos Rolim e o Coronel Alvarenga são gente séria que levanta gente. Pólvora se consegue. Uma ponta de lança no Rio, outra na Bahia, e Minas se levanta. Se tudo isso se faz, vai haver muito mais gente como nós.

TIRADENTES – Com toda a raiva que eles tinham do Cunha Menezes, não ia ser difícil conseguir a adesão de todos.

MACIEL – Pena que o Visconde seja um homem digno...

TIRADENTES – Não tem importância. No princípio, todos os governos são bons. Depois, se ensofam de riquezas e deixam o povo na miséria.

MACIEL – Culpado é quem nos humilha.

TIRADENTES – Culpado é quem suporta humilhação sem se revoltar...

## CORO

E assim foi este encontro  
pela história bem marcado.

Tiradentes decidido.

Maciel inconformado.

E assim juntou-se a fome  
com a vontade de comer.

Mãos à obra, minha gente,

A conjura é pra valer.

## FANFARRAS

CORIFEU – Vila Rica, Palácio do Governo, 1788. Sai Cunha Menezes, Barbacena toma posse! Todo mundo alegre!  
Alegria dura pouco.

GONZAGA – Nós e o povo já dávamos sinais de grande inquietação! Nós e o povo estamos felizes com a nomeação de V Excia.! Vossa vinda traz de volta a paz e o retorno!

BARBACENA – Mais que retorno, mais que a paz, trago alegria, apesar de tudo. Trago esta carta da Rainha que me ordena lançar a derrama. Que todos sejam felizes, apesar de tudo. O Brasil finalmente honrará suas dívidas a Portugal! A derrama será lançada!(Pânico. Espanto profundo. Música de percussão.)

GONZAGA – Mas, Excia.! São nove milhões de cruzados. Nem a Capitania inteira possui essa fortuna disponível!

DOMINGOS – Nem que eu venda todas minhas fábricas!

SILVÉRIO – Nem que eu venda meus escravos! Nem que eu me venda a mim!

FRANCISCO – Nem que eu venda meu exército com todas suas armas, uniformes e disciplina!

GONZAGA – A mim me parece estranho que a Capitania tenha contraído uma dívida superior aos bens de que dispõe!

BARBACENA (irônica e sarcástica) –No entanto, assim é. O Governo anterior levou a este paradoxo. Aqui, fizeram-se fortunas individuais, e o povo encontrou trabalho. Mas tudo isso a custa de quê? A custa do nosso bom nome no exterior, do nosso crédito, da nossa honra colonial. A Coroa nada lucrou com esse desenvolvimento. E o Brasil é como um trem atrasado, um trem abarrotado de riquezas que, todavia, caminha com extrema lentidão. Não deve ser assim, o trem deve andar mais depressa, e seu movimento será fornecido por trabalho, trabalho, trabalho! E o seu destino será a Coroa, Coroa, Coroa, Coroa! Fala-se mal da Coroa, porém nós sabemos que todos nossos males têm uma só origem e esta como todos sabem se constitui apenas de uma série de contingências. Digo mais: diversas contingências, a maioria das quais originadas no governo passado. Mas nós venceremos, venceremos na medida em que cada um criticar menos e trabalhar mais. Pelo trabalho superaremos ressentimentos e venceremos ódios - ódios tão pouco inerentes à nossa índole generosa! Só vos peço isto: digam comigo - Confiamos no Brasil! Apostamos no Brasil! Critique menos e trabalhe mais!

TODOS EM CORO – Confiamos no Brasil! Apostamos no Brasil! Critique menos e trabalhe mais!

## CORO

(Marcha Rancho)

Calado, trabalhe mais!

Se o governo é bom ou mal,

Vamos todos melhorar:

Dê seu ouro a Portugal.

Existem muitas colônias,

Que se tornam mais florentes,

Quando pagam suas dívidas

E à Coroa são tementes.

Trabalhe sem entender,

Dê dinheiro e seja ousado.

Pagando somos felizes,

Num País escravizado.

Num País escravizado.

Num País escravizado.

## EXPLICAÇÃO 2

**CORINGA** (em todas as “Explicações” o Coringa é o ator que o interpreta e não um personagem) – Vocês devem estar estranhando quatro coisas. Espero que sejam só quatro porque essas eu posso explicar. Primeiro, as Pilotas. Aposto que vocês ficaram todos na dúvida se elas eram só costureiras ou só prostitutas. Não eram nem só uma coisa nem só outra. Eram as duas coisas ao mesmo tempo. Naquela época não havia especialização. Segundo, a história de desviar o Rio. Tiradentes tinha o projeto de canalizar os rios Andaraí e Maracanã, coisa que na época todos achavam ficção científica. Ele chegou a ser vaiado um dia na ópera por causa disso. Mas veio D. João VI e esse projeto foi executado e até hoje é conhecido como o “Canal do Mangue”. As fiéis Pilotas continuam lá, mas agora totalmente especializadas. Terceiro, por que a troca de Cunha Menezes por Barbacena? Porque à Rainha só interessava um governador das Minas Gerais que fosse fiel, honesto e austero, porque só assim podia ter certeza de que o nosso ouro seria fiel, honesta e austeramente embarcado para Portugal. Quarto, a derrama! Como bom país colonizador, Portugal cobrava imposto sobre tudo. Importação, exportação. escravo, boi, vaca, terra, casa, cabeça... Nasceu príncipe, a colônia paga imposto. Morreu, paga! Batizou, crismou, fez primeira comunhão. casou, separou, recasou - paga! O príncipe sorriu, paga imposto! Mas mesmo somando tudo isso, D. Maria ainda achava pouco. e lá vinha a Derrama, com soldado na porta, pra cobrir a diferença. Não escapava ninguém, fosse mineiro ou não! O Governo decidia quanto é que cada um tinha de dar e podia reduzir à pobreza quem horas antes fora um potentado. Era o Terror. A revolta era a única solução. (...)

## Casa de Francisco

**FRANCISCO** – Eu não estou entrando na conversa. Mas, a meu ver, se querem uma opinião técnica, mil homens não bastam! Mil homens bastariam se todo o povo apoiasse.

**TIRADENTES** – Então, mil homens bastarão! Só nos falta quem comece.

**DOMINGOS** – É melhor ter cuidado! Precisamos ter a força de conduzir o povo antes que ele nos conduza. De que vale lutar contra a opressão e cair na anarquia!?

**TIRADENTES** – Por que anarquia? A tropa do exército também é povo. Se se teme o povo em armas desorganizado, que se organize o povo armado!

DOMINGOS – Mas pode ser que nem sempre o povo armado obedeça à vontade do seu chefe!

TIRADENTES – Enquanto a vontade do chefe for a vontade de todos, Vossa Mercê não terá o que temer. E nós aqui estamos falando em nome do povo.

DOMINGOS – Não sei, não!

TIRADENTES – Como, não sei não?

SILVÉRIO – O senhor Domingos tem razão. Porque em relação ao povo, ninguém pode ser totalmente a favor, nem totalmente contra. O povo, como aliás muitas outras coisas, tem o seu lado bom e o seu lado mau. Ao mesmo tempo é útil e perigoso.

ALVARENGA – Eu tenho uma solução! O número de escravos é maior do que o de homens livres. Se nós garantirmos a liberdade a todos os escravos, teremos batalhões ao nosso lado! Bem organizados, eles serão uma espécie de povo que não é povo, na acepção mais perigosa do termo.

DOMINGOS – Isso é bom! Serão batalhões de gente agradecida e obrigada.

SILVÉRIO – Mas o que é isso! O que é isso! Não é hora para brincadeiras! Então, se decreta assim, sem mais nem mesmo, a libertação dos escravos?!

TIRADENTES – Por que está tão abespinhado. Coronel Silvério?

SILVÉRIO – E não é pra estar? Os escravos do senhor Domingos, quem foi que comprou? Os escravos de todo mundo aí que teve fábrica fechada, quem foi que comprou? Cabeça fria, senhores! Quem é que vai mineirar, quem é que vai trabalhar na lavoura? Essa revolução é nossa, ou é dos escravos!?

DOMINGOS – Isso é verdade. Se estamos juntos, ninguém deve ser prejudicado.

ALVARENGA – Não seja por isso! Eu modifico minha proposta. Que sejam libertados somente os mulatos.

P. CARLOS – Eu apoio. Será um ato profundamente humanitário, já que a maioria dos mulatos é descendente de amigos muito chegados.

SILVÉRIO – Embora voto vencido, continuo discordando. Isso assim não para mais! Todo mundo pensa que é branco, todo preto pensa que é mulato!

TIRADENTES – Perdão, senhores, mas nós estamos pensando apenas em Minas Gerais, enquanto que a libertação deve ser a do País inteiro. Quando estive no Rio, falei com todos os Comandantes de Regimentos, com todas as guarnições, e a verdade é que todos, sem exceção, esperam apenas a palavra do nosso Tenente-Coronel. O Rio de Janeiro espera vossa decisão!

ALVARENGA – Aliás, não é só o Rio. Nós também que estamos aqui nas Minas não fazemos outra coisa que esperar o vosso pronunciamento!

FRANCISCO – Bem, tudo que eu posso dizer é que eu estou começando a me interessar pela conversa!

(...)

## **Segundo tempo.**

(...)

CORINGA – Ei, Joaquim Silvério, o que e que você tem aí no bolso?

SILVÉRIO – Não importa.

CORINGA – Todo mundo já sabe.

SILVÉRIO – Se sabe, por que pergunta?

CORINGA – Quero ouvir da sua boca.

SILVÉRIO – Se quer me ouvir, que me escute: é uma carta de delação. Vou agorinha mesmo entregar ao Visconde General.

CORINGA – Por quê?

SILVÉRIO: Porque não sou trouxa... Já ouviu o jeito desse Tiradentes falar? O Visconde já foi muito bom de ter deixado esse homem solto até agora. Mas se deixou, ele que é muito esperto, deve ter algum plano. Não! Cá por mim já tomei minha decisão e vai ser hoje mesmo, escondido. Essa Inconfidência não vai dar em nada mesmo, quero ser o primeiro a delatar... E estou dentro do prazo.

CORINGA (com meia ironia) – Você sabe que a sua memória vai ficar manchada pra sempre?

SILVÉRIO – Sei. Vão me chamar de Judas, as criancinhas na Escola desde pequeninhas vão aprender a me odiar. Mas, e daí? Antes um traidor vivo e rico que um herói morto sem vintém. A lei portuguesa não é sopa, meu amigo...

CORINGA – Quer dizer que, pra você, trair ou não tanto faz?

SILVÉRIO – Vamos conversar a sério? Traição aqui entre nós está institucionalizada. É legal e até dá lucro. A Coroa não quer gastar dinheiro aqui pra manter uma polícia secreta. Qual a solução? Transformou cada cidadão num delator em potencial. Muito justo. Quem denunciar contrabando fica com a metade dos bens sequestrados. Metade pra ele, metade prá Coroa... Bom negócio...

CORINGA – Ao que leva o medo, hein, Silvério?

SILVÉRIO – Medo coisa nenhuma. Se valesse o risco, até que o medo a gente enruste. Mas vamos falar com franqueza: já pensou direito em quem está metido nessa rebelião? Um bandinho de intelectuais que só sabe falar. Porque a liberdade... a cultura... a coisa pública... o exemplo do Norte... Na hora do arrocho quero ver. O outro lá comandante das tropas, o que quer mesmo é posição, seja na República, na Monarquia, no comunismo primitivo; o que ele quer é estar por cima. Olha, velho, dessa gente a maioria está trepada no muro: conforme o balanço, eles pulam pra um lado. E eu aqui, vou nessa? Mas nunca.

CORINGA – Então você não acredita mesmo nesse levante?

SILVÉRIO – Condições havia, mas agora não. Povo, que é o que resolve mesmo nessas horas, não se pode contar com ele. O povo não se reúne na casa do ouvidor Gonzaga e muito menos na do Tenente-Coronel. E graças a Deus não vai mesmo. Já imaginou esse povaréu de mazombos tomando conta disso? Virgem Nossa Senhora, não quero nem pensar. Pois não estavam falando em libertar os escravos? Com o tempo, eles vão acabar falando de reforma agrária...

CORINGA – O senhor então já se arrumou?

SILVÉRIO - E muito bem. O negócio agora é mentir um pouquinho e dizer que a conjuração era muito perigosa, pra que a denúncia tenha mais valor. Quero ver todo mundo pular o muro. Claro que eu vou pedir pro governador não ser muito severo com eles... Afinal de contas não quero a desgraça de ninguém...

CORINGA – Claro...

SILVÉRIO – Bom, lá vou eu... E, de agora em diante, com um novo título: o mais famoso dedo-duro do Brasil. Adeus. (Sai.)

## EXPLICAÇÃO 4

CORINGA – Quando pensamos escrever a história de Tiradentes, tínhamos a impressão de que Silvério não era tão safado como todo mundo dizia, nem o alferes tão herói como constava. Depois, estudando, chegamos à conclusão de que Tiradentes foi mais herói ainda do que se diz e Silvério tão safado quanto consta. Mas não podemos discordar totalmente da análise que ele fez de alguns Inconfidentes: é bem verdade que a maioria estava em cima do muro pronta pra pular pra qualquer lado, conforme o balanço. E, se é verdade que muitas revoluções burguesas foram feitas pelo povo, também é verdade que, nesta, o povo estava ausente e, mais que ausente, foi afastado. Por isso, cada conjurado ficou sozinho: longe do povo que não desejava, longe do poder que pretendia derrubar. Sozinho, cada um pensava na sua prosperidade individual; sozinho, cada um pensou depois na sua salvação. Menos Tiradentes. Este queria estar junto, mas escolheu mal com quem.

(...)

## EXPLICAÇÃO 5

CORINGA – E todos foram presos - um a um. E o processo começou. Foram três anos de suspense, três anos de terror. A Rainha já havia resolvido comutar a pena capital de todos. Menos de um: o cabeça. Menos de um: Tiradentes. Tudo podia ter sido feito em menos tempo. Porém a Rainha tinha leis severas contra a população. Era necessário prolongar o terror para aplicar as leis. Os juízes não eram autônomos: representavam a Rainha que encarnava o Estado. Por isso, não havia necessidade de advogados de defesa durante a fase de instrução de processo. Depois, um foi nomeado. Um para todos. Sua tarefa: produzir alegações e pedir clemência. Hoje em dia, nenhum acusado pode ser condenado sem defender-se plenamente. Esta foi uma grande conquista da democracia brasileira.

(Tiradentes está no banco dos réus. Durante sua fala, Coringa se veste de Juiz e assim permanecerá durante todo o julgamento. Silvério em oposição a Tiradentes. Os demais sucedem-se em outro banco.)

JUIZ – Ratifica o respondente suas declarações anteriores?

TIRADENTES – Sim.

JUIZ – Confirma ter estado em casa de Mônica Maria do Sacramento?

SILVÉRIO (energicamente funcionando como promotor) – E foi justamente ali, diante de testemunhas, que deitou falação contra a Coroa, chamando os cariocas de pulhas e covardes. Foi ali que lamentou o réu ter cumprido a ordem de seu comandante quando interrogou e espancou na forma de lei o garimpeiro Manuel Pinheiro! Na casa de Mônica Maria que instou o Cabo Jerônimo de Castro e Souza a que iniciasse, ali mesmo no bordel, uma sublevação e motim contra o poder real!

JUIZ – Confirma o respondente as declarações de Joaquim Silvério dos Reis?

TIRADENTES – Não. Eu nego!

JUIZ – Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. Vossa Mercê é acusado de primeira cabeça contra a pessoa e o Estado de nossa Augusta Soberana D. Maria. Tem algo mais a declarar ou clemência a pedir?

(...)

FRANCISCO – Ainda neste caso, o privilégio não seria meu, mas sim de quem primeiro teve a ideia, de quem mais vezes o motim apregoou, de quem para si queria a tarefa de maior perigo e risco. De quem se propunha e desejava a cabeça do Governador.

JUIZ – Quem?

FRANCISCO – Alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha, o Tiradentes. (Entra o tema musical “Estou só”.)

JUIZ – Confirma o respondente ter-se encontrado com José Álvares Maciel na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 1788?

TIRADENTES – Confirmo.

SILVÉRIO – E com ele ter conversado sobre as riquezas do Brasil. E sobre a possibilidade de aqui se fazer pólvora e ferro. O réu afirmou que os nativos desta terra viveriam bem melhor sem o jugo estrangeiro, salientando que se houvesse mais homens como ele - o Réu -, o Brasil seria uma nação florescente. E a sua loucura chegou ao ponto de bradar que pelo bem desta pátria seria até mesmo capaz de esartejar e quebrar à maça os sagrados ossos de nossa Augusta Soberana, que Deus nos livre e Deus a guarde.

JUIZ – Confirma o respondente as declarações de Joaquim Silvério dos Reis?

TIRADENTES – Não. Eu nego! (Interrompe-se o tema musical.)

(...)

JUIZ – Confirma o respondente ter participado de reuniões de caráter político em casa do Tenente Coronel Francisco de Paula?

TIRADENTES – Não. Se lá estive, participei apenas de conversação informal.

SILVÉRIO – E nessas conversações informais, o réu instou os presentes a que se amotinassem, depusessem o Governo, criassem uma bandeira e proclamassem a República. Até mesmo falou na libertação dos escravos, em exércitos de apoio que viriam do Rio e da Bahia! E o que é mais grave, em apoio militar do estrangeiro.

CORO(baixinho) –

Estou só. Sempre estive só.

Aprendi e agora sei:

só dois homens me seguiam,

espias do Vice-Rei!

JUIZ – Confirma o respondente as declarações de Joaquim Silvério dos Reis?

TIRADENTES – Não. Eu nego!

JUIZ – Domingos de Abreu Vieira!

DOMINGOS – Culpa eu não tenho! Os soldados são testemunhas! Quando fui preso, eu até que estava elogiando as medidas de violência! Eu acho até que era pouco, precisava de mais. Quem tem culpa é o Alvarenga, que, a mando de Tiradentes, me mandou trazer a pólvora!

JUIZ – Inácio José de Alvarenga Peixoto!

ALVARENGA – Culpa eu não tenho! Eu até que estava me divertindo muito! Todo mundo pensando em cortar a cabeça de todo mundo! Cabecinha fora aqui! Cabecinha fora ali! Só podia levar na gozação. Culpa tem minha mulher, que, dando ouvidos a Tiradentes, achava de bom tom que eu participasse do movimento e, na frente de Cláudio Manoel da Costa, chegou a dizer que melhor seria fazer o motim primeiro e a bandeira depois!

JUIZ – Cláudio Manoel da Costa! (Silêncio.) Cláudio Manoel da Costa!

SOLDADO – Cláudio Manoel da Costa faleceu na prisão, Excelência! Suicidou-se no dia 04 de julho de 1789.

JUIZ – Que conste dos autos. (Chamando.) Sargento-Mor Francisco Antônio de Oliveira Lopes!

OLIVEIRA – Culpa eu não tenho! Que eu falei que estava a favor da revolução, falei mesmo. Mas é que eu encontrei Tiradentes a caminho das Gerais e ele pagava tudo que eu comia e bebia! Eu não podia fazer uma desfeita a ele! Tinha até de concordar com essas ideias, malditas. O senhor não concordava? Se ele pagasse, o senhor não concordava? Culpa tem a viúva Inácia que deu guarida pra ele no Rio de Janeiro!

JUIZ – Viúva Inácia de Tal!

INÁCIA – Culpa eu não tenho! Eu até que disse a ele: “Seu Alferes, seu Alferes, o senhor acaba se perdendo, e eu não quero complicações comigo. Vá na Igreja da Mãe dos Homens, que lá tem um padre assim assado que ele até pode acabá gostando das ideias do senhor!” Mas se culpa tem alguém, foi a danada daquela donzelinha da minha filha, que foi adoentá do pé!

JUIZ – Filha Donzela de Pé Doente da Viúva Inácia!

FILHA – Culpa eu não tenho! Que culpa eu posso ter? Eu estava andando descalça na rua e espetei o pé; arruinou! Veio minha mãe viúva e disse que tinha um homem aí que, além de tirar dente, entendia de curativo. Veio ele e me curou. Culpa quem tem é ele, pondo todo mundo nesse embrulho e não tinha nada de buli com meu pé!

CORO (baixinho) –

Belo sonho que eu sentava.

Era o povo que sonhava.

A contar o meu sonho à gente,  
não era ao povo que eu contava.

Estou só. Sempre estive só!

Eu pensava ser seguido,  
mas sempre estive só.

JUIZ – Joaquim José da Silva Xavier! Confirma suas negativas anteriores?

TIRADENTES – Sim!

JUIZ – Nega estivesse o ouvidor Tomás Antônio Gonzaga incumbido de elaborar as leis da República que se pretendia?

TIRADENTES – O ouvidor Gonzaga era meu inimigo. Não tenho nenhuma razão para defendê-lo, mas nunca soube que fosse entrado em nenhuma conspiração, nem nunca ouvi falar em conspirações.

JUIZ – Ouvidor Tomás Antônio Gonzaga! Vossa Mercê responde à Devassa que ora se faz sobre a inconfidência, sublevação e motim que nesta Capitania se preparava. Vossa Mercê é acusado de crime de primeira cabeça. A pena maior é o esquartejamento e a forca. Pergunto: sabe Vossa Mercê quem o denunciou?

GONZAGA – É bem possível que tenha sido um de meus inimigos.

JUIZ – São muitos os vossos inimigos?

GONZAGA – Quem tenha ao menos um, nunca poderá dizer que sejam poucos.

(...)

JUIZ – Senhor Gonzaga, quando um vassalo, ainda que teoricamente, discute os caminhos que levam à liberdade do povo, ainda que não pretenda, lança luzes para que o povo se liberte. Portanto, é criminoso. (...) Liberdade, pois, é uma palavra que deve ser esquecida, pois mencioná-la é o primeiro passo para consegui-la.

GONZAGA – A hipótese de Vossa Excelência me parece bem defendida e explicada. Porém, quando eu falava em liberdade, eu o fazia como um simples exercício intelectual. Nunca pensei que fosse fato possível. Senhor Juiz, quem afirma que a liberdade é possível é Vossa Excelência! E isto eu aprendo agora, aqui, nesta sala e tribunal! Não posso ser acusado de não conhecer o que só agora é revelado. Portanto, sou inocente!

JUIZ – Sem dúvida... É uma hipótese...

(Os dois continuam se fitando com um meio sorriso, quando são interrompidos.)

TIRADENTES – Excelência! Já agora nada mais ratifico. Até agora neguei, não por querer encobrir minha culpa, mas por não querer perder ninguém. Porém, à vista das fortíssimas instâncias com que me vejo atacado e já sabendo os juízes tudo quanto sabem (sobe o tema de “Estou só” apenas com música), até mesmo meus pensamentos mais íntimos, não posso continuar negando, pois, se o fizesse, estaria faltando à verdade. Por isso, resolvo dizê-la, ingênua e livremente, como ela é. É verdade que se pretendia o levante. É verdade que me encontrei com Maciel no Rio e lhe disse que o Brasil não necessitava do domínio estrangeiro. É verdade que a todos falava de um motim e sedição contra a Coroa Portuguesa. É verdade que o povo sofre e que induzi muita gente a combater em Vila Rica. É verdade que o povo ignora que se pode libertar a si mesmo e que induzi muita gente a que armasse o povo para que se libertasse. É verdade que eu queria para mim a ação de maior risco e é verdade que, se existissem mais brasileiros como eu, o Brasil seria uma Nação florescente. É verdade que eu desejava meu país livre, independente, republicano. É verdade que eu confiei demais, e é verdade que abandonei aqueles para quem outros diziam querer a liberdade. E é verdade que só os abandonados arriscam, que só os abandonados assumem, e que só com eles devia tratar. É verdade que eu tenho culpa e só eu tenho culpa. E é verdade que estou só.

(Irrompe a canção.)

CORO

Dez vidas eu tivesse,  
Dez vidas eu daria,  
Dez vidas prisioneiras  
Ansioso eu trocaria  
Pelo bem da liberdade,  
Nem que fosse por um dia.  
Se assim fizessem todos,  
Aqui não existiria  
Tão negra sujeição,  
Que dá feição de vida  
Ao que é mais feia morte:  
Morrer de quem aceita  
Viver em escravidão.  
Dez vidas eu tivesse,  
Dez vidas eu daria  
Mais vale erguer a espada  
Desafiando a morte  
Do que sofrer a sorte  
De sua...  
Dez vidas eu tivesse,  
Dez vidas eu daria,

Dez vidas prisioneiras  
Ansioso eu trocaria  
Pelo bem da liberdade...

(Continua o coro em “boca chiusa”. Festa e feira do enforcamento exemplar.)

CORINGA – E todos foram presos, um a um! Um a um foram julgados. Um a um sentenciados numa sentença comum. Na mesma forca haviam de morrer. Na forca mais alta que se pudesse construir. Uns esartejados para que suas partes fossem exemplo. Outros chicoteados pelas ruas da cidade. Um com pregão e braço conduzido. Pregão que apregoava:

PREGÃO – Este homem indigno é das nossas memórias, mas se ficar de todo no esquecimento, nenhum proveito tiraremos de seu exemplar castigo. (Segue sua ladainha.)

(Continua o coro em “boca chiusa”).

CORINGA – Esse homem, Tiradentes! Foi tempo de desespero. Onze homens condenados, dois mortos na prisão, absolvidos. Um terceiro morto, um suicida, infamado até a terceira geração. Foi tempo de desespero.

VOZES(Atores aglomerados a um canto, superpondo frases, em desespero) – Não pode ser verdade! E eu que ia para Coimbra! Maldita loucura do alferes! Alguém ainda vai me salvar! Sou homem de posição! Já não há respeito! Isso é infâmia! Minha filha tinha doze anos! E eu que deixo um na barriga! Que mais querem, já me ajoelhei! Já neguei tudo o que disse e que fiz! Pedi perdão e clemência! Padre, existe o outro lado? Quem se arrepende encontra perdão! Eu te absolvo em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo! E eu que nunca me meti em política! (Gritando.) Juliana! Juliana!

TIRADENTES –  
Dez vidas eu tivesse.  
Dez vidas eu daria,  
dez vidas prisioneiras,  
Ansioso eu trocaria  
pelo bem da Liberdade,  
Que fosse por um dia!  
Que fosse por um dia,  
Ansioso eu trocaria...

(As vozes vão se misturando, repetem-se as exclamações. A voz de Tiradentes e o acompanhamento musical ficam mais fortes.)

ARAUTO (interrompendo) – Atenção! Todos de pé! (Cessa tudo. Silêncio.) Carta da nossa Piedosíssima, Clementíssima e Augustíssima Soberana, D. Maria!

CORINGA – Esta carta já estava na mão dos juizes há dezoito meses. Há dezoito meses os juizes se compraziam. Há dezoito meses.

ARAUTO – Por vontade da tal Senhora, a todos se comuta a pena de morte para degredo em África. (Entusiasmo geral.) Menos a um que se fez indigno da Real Piedade da mesma Senhora!

(Volta o tema de “Estou só”. Continua a algazarra, distinguindo-se os gritos.)

VOZES– Queridíssima Rainha, sou vosso servo mesmo que ao inferno me mandásseis! Viva D. Maria !! Que pelo menos dessa vez eu possa dizê-la minha! Beijo o pó, beijo os pés de cada soldado! Deus, ah Deus, tu existes! Eu te agradeço! Viva Portugal!

ARAUTO – Réu Francisco de Paula, desterrado para Pedra Ancoche. Réu José Álvares Maciel, para Mozango. Réu Alvarenga Peixoto, para Dande, Réu Luiz Vaz, para Cabambi. Réu Oliveira Lopes, para Bié. Réu Domingos de Abreu, para o presídio de Machimba. Réu Amaral Gurgel, para Catalã. Réu Rezende Pai, para Bisal. Réu Rezende Filho, para Cabo Verde. Réu Tomás Antônio Gonzaga, para Moçambique. (Todos ao serem chamados vão saindo, abraçando-se aos outros. Fica só Tiradentes, o Arauto e o Coringa.)

ARAUTO – Menos a um que se tornou indigno da Real Piedade da Digna Senhora: Alferes Joaquim José da Silva Xavier. (Sai o Arauto. Fica só Tiradentes, acorrentado. O Coringa aproxima-se lentamente, em profundo silêncio. Acocora-se diante dele.)

CORINGA – E então, como é que é?

TIRADENTES – Dez vidas eu tivesse, dez vidas eu daria para que eles não morressem por um crime que não cometeram.

CORINGA – E agora, como é?

TIRADENTES – Não sei... Armei uma meada tamanha que nem em cem anos eles vão conseguir desatar...

(Coringa olha-o por uns instantes. Abraça-o firmemente e sai. Enquanto isso, surge o cortejo. Carrasco à frente. Ouve-se o pregão.)

PREGÃO – Esse homem indigno é das nossas memórias, mas se ficar de todo no esquecimento, nenhum proveito tiraremos do seu exemplar castigo!

(O Coro repete o pregão. Surge a força. O carrasco ajoelha-se diante do condenado.)

CARRASCO – Perdão! Eu mato cumprindo pena, e minha pena é matar!

VOZ – Esmolas! Esmolas pra missa! Pra salvação da alma do infame réu! Esmolas! Esmolas pra missa! Pra salvação da alma do infame réu!

TIRADENTES – Está perdoado, irmão. Todos estão cumprindo pena! Menos eu.

(Tiradentes sobe no patíbulo.)

CORO –

Dez vidas eu tivesse,  
Dez vidas eu daria,  
Dez vidas prisioneiras  
Ansioso eu trocaria  
Pelo bem da liberdade,  
Que fosse por um dia!  
Que fosse por um dia,  
Ansioso eu trocaria.

VOZ – Esmolas! Esmolas! Esmolas pra missa pra salvação da alma do infame réu!

CORO – Dez vidas eu tivesse,  
Dez vidas eu daria,  
Se assim fizessem todos,  
Aqui não existiria  
Tão negra sujeição  
Que dá feição de vida

Ao que é mais feia morte:  
Morrer de quem aceita,  
Viver em escravidão.  
E a mais feia morte  
De quem aceita  
Vivendo em escravidão!

PADRE – Não traias teu Rei nem em pensamento; pois as próprias aves do céu levarão teus desejos aos ouvidos do Rei!

(Misturam-se os coros. Parte cantando “Dez Vidas”, parte cantando “Eu estou só”.)

TIRADENTES (adiantando-se um passo, grita) – Povo das Capitânicas do Rio e das Gerais! O Brasil...

(A mão do carrasco tapa-lhe a boca. Diminuem as luzes. Rufos de bateria. O corpo de Tiradentes é lançado. O coro deixa escapar um grito. O corpo fica balançando. Entra o coro.)

CORO –

Espanto que espanta a gente,  
Tanta gente a se espantar,  
Que o povo tem sete fôlegos  
E mais sete tem pra dar!  
Quanto mais cai, mais levanta.  
Mil vezes já foi ao chão.  
Mas de pé lá está o povo  
Na hora da decisão!  
Espanto que espanta a gente,  
Tanta gente a se espantar.  
Mas de pé lá está o povo.  
Mil vezes já foi ao chão.  
Quanto mais cai, mais levanta,  
Na hora da decisão!

CORINGA (durante a segunda estrofe) – A independência política contra Portugal foi conseguida trinta anos depois da força. Se Tiradentes tivesse o poder dos inconfidentes; se os inconfidentes tivessem a vontade de Tiradentes, e se todos não estivessem tão sós, o Brasil estaria livre trinta anos antes e estaria novamente livre todas as vezes que uma nova liberdade fosse necessária. E assim contamos mais uma história. Boa noite!

CORO

Espanto que espanta a gente,  
Tanta gente a se espantar.  
Que o povo tem sete fôlegos,  
E mais sete tem pra dar!  
Quanto mais cai, mais levanta,  
Mil vezes já foi ao chão.  
Mas de pé lá está o povo,  
Na hora da decisão! **FIM**